

Título do capítulo	CAPÍTULO 6 A FRONTEIRA E SEUS IMPACTOS NA REGIÃO DE URUGUAIANA
Autores(as)	Irani Fernandes Bolívar Pêgo (Moderador)
DOI	DOI: http://dx.doi.org/10.38116/ISBN978-65-5635-007-3cap6

Título do livro	FRONTEIRAS DO BRASIL: UMA AVALIAÇÃO DO ARCO SUL
Organizadores(as)	Bolívar Pêgo Rosa Moura Maria Nunes Caroline Krüger Paula Moreira Gustavo Ferreira
Volume	5
Série	Fronteiras do Brasil
Cidade	Rio de Janeiro
Editora	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea)
Ano	2020
Edição	1a
ISBN	978-65-5635-007-3
DOI	DOI: http://dx.doi.org/10.38116/ISBN978-65-5635-007-3

© Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – ipea 2020

As publicações do Ipea estão disponíveis para *download* gratuito nos formatos PDF (todas) e EPUB (livros e periódicos). Acesse: <http://www.ipea.gov.br/porta/publicacoes>

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ou do Ministério da Economia.

É permitida a reprodução deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

A FRONTEIRA E SEUS IMPACTOS NA REGIÃO DE URUGUAIANA¹

Irani Fernandes²



Fonte: Equipe Fronteiras Ipea.

Bom dia a todos. Faço parte desse contexto de trabalho e quero parabenizar a presença do Ipea aqui em Uruguaiana. Tive o prazer de poder criar algumas facilidades para que este evento pudesse ocorrer. Foi bom acompanhar esses outros dias de trabalho, para nos vermos e refazermos tudo aquilo que gostaríamos de dizer aqui. O município tem uma ideia de que as coisas não estão acontecendo, eles não conseguem vislumbrar no dia a dia mudanças e melhorias exatamente nessa questão da integração. Tenho a oportunidade de dizer aqui, pontualmente, a questão de Uruguaiana, como é que está se comportando dentro do aspecto

1. DOI: <http://dx.doi.org/10.38116/ISBN978-65-5635-007-3cap6>

2. Presidente da Câmara dos Vereadores de Uruguaiana.

da integração, nesse tema tão importante que o Ipea traz. Uruguaiana está no olho do furacão. Estamos localizados em uma reunião geopolítica, a 600 km de Buenos Aires, 600 km de Porto Alegre, 600 km de Foz do Iguaçu e menos de 600 km de Montevidéu. Então, tudo referente ao Mercado Comum do Sul (Mercosul) passa por Uruguaiana, como as questões econômica e comercial.

Uruguaiana faz parte das cidades que estão dentro da faixa de fronteira, de 150 km, e é para nós um óbice sem precedentes, porque há um limitador do desenvolvimento dentro dessa faixa. É inegável! Nós acompanhamos, no decorrer das palestras, que 60% da população que vive na faixa de fronteira faz parte aqui da região Sul, ou seja, nós temos mais cidades voltadas para a fronteira do que no restante da fronteira oeste do Brasil. De todas as apresentações, eu percebi uma situação: o município não está representado por alguns dos órgãos onde as coisas acontecem. Nós cobramos que não chega recurso. Temos uma questão, que pode ser até sazonal, das migrações de *vacaciones*, que são as férias, em que de 1 milhão a 1,5 milhão de pessoas passa por Uruguaiana. Nós não temos um olhar voltado para o município, a voz do município não é ouvida, e temos que ter, por meio de representantes regionais – nossos deputados da Assembleia Legislativa que vêm à fronteira e fazem audiências públicas olham nossos anseios.

Eu sou da época da Guerra Fria. Sou Fuzileiro Naval, servi durante 32 anos na Marinha, entrei para o corpo de fuzileiros em Uruguaiana em 1972. Nós tínhamos uma visão diferente. Naquela oportunidade, as fronteiras eram guarnecidas e o perigo vinha da Argentina; existiam alguns grupos terroristas que operavam na área, *montoneros* e *tupamaros* (estes do Uruguai). Isso fazia com que nós tivéssemos alguma preocupação com a segurança da fronteira: éramos o grupamento de fuzileiros em Uruguaiana e, esparramados pela fronteira com o estado do Rio Grande do Sul, havia mais dez destacamentos. Cada tenente tinha um destacamento de olho no inimigo, que era argentino. Atualmente, acabou e a Argentina é nossa parceira comercial. Estamos buscando uma integração ainda maior com esses povos para fomentar especificamente à questão do comércio no Mercosul.

O comércio avançou bastante, os demais protocolos do Mercosul estão engatinhando ainda e acho que também deve existir integração por meio da saúde, educação e trabalho, para que possamos fazer tanto de um lado quanto do outro. Nós somos cidade gêmea de Paso de los Libres e temos uma dificuldade extrema de fazer a integração entre elas avançar. Não conseguimos fazer porque estamos sempre debatendo e batendo de frente com a legislação, que é ordenada pelo regional ou em nível federal. Uruguaiana busca essa integração, é uma cidade que está ao lado de Paso há muitos anos e não consegue ter essa integração, os povos buscam e querem isso e sempre batemos de frente com a legislação. Um exemplo é a saúde, que na Argentina é diferente da do Brasil. Aqui, nós temos o Sistema

Único de Saúde (SUS) e eles não têm; nós atendemos o cidadão que passa para o lado de cá. Do lado de lá já é completamente diferente.

No período de final de ano, 30 mil a 40 mil pessoas passam por dia em Uruguiana, que não possui estrutura suficiente. A aduana, que deveria ser integrada, não existe; nós fazemos a imigração para o lado argentino e depois fazemos para o lado brasileiro, porque os sistemas informatizados não estão integrados. Costuma-se fazer a imigração do lado argentino e não se aproveita esse trâmite no mesmo local, então tem que fazer de novo no lado brasileiro.

Na nossa aduana ocorre o problema, que já foi citado, dos caminhões. Não é porque o caminhão fica na fila esperando: é porque o caminhão tem que passar em um espaço que tem de 10 mil a 20 mil pessoas transitando, e tem que passar quinhentos a seiscentos caminhões diários no meio de todos. É uma coisa que precisamos ressaltar. Temos a consciência de que algo está sendo feito, mas é demorado; a diplomacia é demorada. Tem que haver uma política de Estado na fronteira, pois, de uma forma geral, os governos não priorizam a fronteira. Não há políticas de médio e longo prazos, que caracterizam uma visão de Estado, de integração nacional.

Nós temos problemas muito sérios aqui em Uruguiana. Vou falar especificamente da questão dessa passagem de turista: a cidade não tem estrutura para isso. Além da falta de integração dos sistemas de imigração das aduanas, a Polícia Federal (PF) fica do lado argentino. Ela não pode usar armamento do lado de lá, uma área de integração, onde o nosso policial pode perseguir alguém que comete algum crime e deveria continuar a perseguição para poder dar flagrante, porém os agentes têm que parar no meio da ponte, não conseguem passar. Isso é um problema muito sério. No verão passado tivemos pouco mais de 1 milhão e 300 mil entradas de argentinos e, tanto do lado argentino quanto do brasileiro, não foi possível registrar sequer 600 mil; mais da metade entrou no Brasil sem ter sido feito esse controle de quem é quem.

Isso não pode continuar. Quando se aproxima a época de férias, é uma loucura em Uruguiana, porque se reúnem representantes da Assembleia Legislativa, tentando organizar; convidam PF, Receita Federal do Brasil (RFB), Polícia Rodoviária Federal (PRF), Brigada Militar, Guarda Municipal e todos os componentes de segurança para poder dar apoio de dezembro a março. Nós tivemos recentemente a Copa do Mundo e as Olimpíadas, que foram do mesmo jeito. E nas férias, isso continua. Daqui a pouco tudo recomeça e nós temos que improvisar, porque a aduana foi construída do lado brasileiro, dando essa ideia de ser um órgão de fiscalização da RFB, da importação e exportação destes quase seiscentos e setecentos caminhões que passam diariamente e deixam a ponte

cheia de veículos,³ em determinados horários. A liberação é feita praticamente no final da tarde, por isso gera esse problema.

Nós tínhamos a ideia de que muita coisa não estava andando, mas agora, com essa oficina, foi importante ver que o arco Sul está participando, o governo do estado está presente, bem como a discussão sobre o comércio. Um tratado foi assinado em 2016 para que o cidadão também pudesse trabalhar em Paso de los Libres, estudar e ter toda sua estrutura montada tanto do lado de lá quanto do lado de cá. Tem um comitê de fronteiras que se reúne e é capitaneado aqui pelo consulado, onde se discutem seguidamente essas questões. Assim, se consegue pôr em prática a importância de as nossas cidades gêmeas serem consideradas um ambiente de integração. Um ponto que precisa ser integrado: nós não temos acesso ao sistema de saúde deles, que é diferente. Se tiver um especialista que não exista do lado brasileiro, mas existe do lado argentino, não conseguimos operacionalizar uma cooperação.

A Universidade Federal do Pampa (Unipampa) está oferecendo quatro vagas para que os fronteiriços possam estudar, para que eles permaneçam aqui na região, na nossa fronteira, assim como nós temos uma faculdade de medicina em Uruguaiana, que é mais atrativa para esse público. Só que o cidadão que vai estudar na Unipampa provavelmente vai voltar para suas origens, Uruguai e Argentina, e o seu certificado não vai ter validade, porque hoje não se consegue ser um profissional na área médica, se formar no Brasil e atuar na Argentina. A burocracia é muito grande. O aluno é formado lá e não há acordo para atender essa população de fronteira que nós temos. Então, essas coisas têm que ser pensadas e mudadas, todas essas instituições que nós encontramos aqui, e estão em atividade, têm que ter a presença no município, têm que ter São Borja, Uruguaiana, Barra do Quaraí, que devem fazer as pontes desses locais. Eles é quem vão dizer, vocês discutem em nível federal e estadual, mas as coisas acontecem no município e nós estamos tolhidos dessa participação. É importante que o Ipea esteja aqui e possa levar, até como reivindicação nossa participação.

As questões das áreas de saúde e educação não avançam porque o cidadão argentino entra na internet, tira um Cadastro de Pessoa Física (CPF), um cartão do SUS e é atendido pelo SUS de Uruguaiana, tranquilamente. Nós não temos essa reciprocidade nem do lado argentino nem do lado uruguaio; os sistemas são diferentes e essas coisas criam dificuldade para que a integração aconteça. A discussão sobre fronteira no município de Uruguaiana acontece de seis em seis meses. O intendente de Paso de Los Libres, o prefeito de Uruguaiana, as secretarias de Saúde, Segurança, Educação e Departamento de Trânsito (Detran) se reúnem de seis em seis meses em Uruguaiana. Nós temos uma dificuldade que é o rio que nos separa, quando na verdade o rio deveria nos aproximar. Não é uma ponte

3. Os vários caminhões carregados, parados sobre a ponte, trazem, além do congestionamento, um elevado risco para a estrutura.

que nos separa, é uma ponte que nos aproxima, e não conseguimos enxergar essa aproximação porque os tratados são feitos em Brasília.

Existem programas na área de educação, como as escolas bilíngues, nas quais o aluno brasileiro deve passar para o lado de lá para ter contato com a cultura e língua, e o argentino vir para nossas escolas. Existem falhas, e a professora de Porto Alegre (Adriana Dorfman) me falou ontem de vários projetos em que várias cidades participam e que no Brasil viraram um programa de governo, na Argentina também, para poder facilitar essa integração. Porém, tem dois anos que não passam alguma criança para algum dos lados por causa de encargos burocráticos, o projeto não avança.

Com relação à questão da segurança, se confunde muito segurança com militarização. As operações que acontecem em nível da Estratégia Nacional de Segurança Pública nas Fronteiras (Enafron) e PF reúnem Exército, Marinha, Força Aérea e o governo do estado por meio da Brigada Militar. E fazem esses exercícios periodicamente, como as Operações Ágata e Sentinela. Isso não é permanente – é feita de vez em quando, a depender das condições financeiras, e isso cria uma imagem da presença maciça da militarização nessas regiões. Fiz um comentário ontem sobre os carros que são apreendidos pela PF e que são doados para os municípios. Nós recebemos um carro que era da Argentina, mas ele foi apreendido, pois a lei diz que se for preso com drogas tem que ser apreendido para ser utilizado no combate às drogas. Na Secretaria de Segurança, nós recebemos veículos argentinos e não podemos colocar placa porque o chassi do argentino tem um número a menos e o nosso Detran não consegue autorizar que aquele carro seja utilizado. Isso não é só em Uruguaiana. Milhares desses carros estão espalhados desde Uruguaiana ao Acre, apodrecendo nos terminais da PF onde eles são apreendidos e não são aproveitados. É só um exemplo da dificuldade que nós encontramos no município com relação às negociações do comitê de fronteira.

Ainda do ponto de vista da segurança, nós estamos dentro de uma estrutura maior, que é a segurança oferecida pelo Estado. Nós fazemos parte de operações em conjunto porque Uruguaiana está no caminho, faz a operação, passa por aqui e depois vai embora. Quando está acontecendo uma operação dessas, com certeza quem está responsável pelo narcotráfico não vai nem sair de casa, com a polícia e o Exército na rua, e aí não vão conseguir pegar alguém. A mídia anuncia que vai ter uma operação de presença, assim não vão conseguir pegar o que precisam. Nossas fronteiras estão desguarnecidas, a tarefa de fronteira foi designada para a PF e ela não tem efetivo, é vulnerável. Na nossa fronteira com Uruguai não tem fiscalização, qualquer um passa em qualquer trecho, em qualquer ponto. A fiscalização fica mais na fronteira seca.

São essas as situações que temos que abordar aqui para podermos discutir e ver o que Uruguaiana tem, porque na discussão nós achamos a solução. São Borja, também, é uma cidade de fronteira – lá pode ser que eles tenham encontrado

alguma solução, pois existe uma visão diferente. Eles possuem uma área de fronteira integrada, a imigração é feita apenas em um local. Só que esses turistas vão para a praia, e entrar por São Borja para ir à praia é ruim, pois as condições das estradas estão péssimas, a distância é muito maior do que entrar por Uruguaiana. Essas cidades têm que se reunir de forma regional para que cada uma possa contar qual foi o sucesso em algum problema, qual foi a dificuldade.

A nossa realidade da área de meio ambiente também é diferente. O período de piracema é diferente para os três lados, brasileiro, argentino e uruguaio, mas o peixe não tem nada a ver com isso, ele está no rio e vai nadar para todos os lados. Se é para fazer uma preservação bem-feita, tem de se chegar a um consenso sobre qual é o período da piracema, e tem que conversar com todos os países, para definir um período só. Os pescadores sabem disso, eles recebem incentivo para não pescar durante a piracema do lado brasileiro, mas aí, sabendo disso, ele recebe esse incentivo e mesmo assim vai pescar do outro lado, porque lá não está na piracema. E esse é mais um dos problemas que temos que enfrentar.

Eu contraponto a opinião do Alexandre Cunha, que disse que não se pode responsabilizar tudo ao governo federal: a segurança é um dever do Estado, ele tem que auxiliar o município. Nós temos um porto seco, que é considerado um dos maiores do mundo pelo volume de carga que se passa aqui. E ainda há toda a arrecadação que é feita pela RFB, por conta da circulação de caminhões de carga em Uruguaiana, mas não fica um centavo no município. Assim, o município tem que tirar recurso de onde não existe. Por exemplo, em torno de 15% das ocorrências de segurança que devem ser cobertas pelo estado são feitas pela Guarda Municipal, que vai tirar recurso de onde não tem para suprir algumas necessidades, como colocar o carro na rua com combustível para fazer as tarefas de segurança em conjunto com a Brigada Militar.

Existe uma série de funções que são delegadas ao município, que não tem apoio de recursos do estado. Nós vemos que a fronteira, em nível federal, é observada pela Enafron, que cuida da segurança, e a presença dela se dá pelas operações em nível macro. Porém, há uma exigência muito forte para o município fazer esse combate, porque aqui em Uruguaiana temos vários problemas decorrentes da quantidade de caminhões de carga e nós não temos a presença efetiva da PF fazendo o trâmite de passagem na ponte internacional para evitar, por exemplo, o tráfico de seres humanos e a entrada de pessoas ilegais. É muito difícil realizar operação verão, visando controlar e contar o número de pessoas que passam na fronteira, e às vezes temos que contar com ajuda da iniciativa privada. No ano passado, uma empresa gastou cerca de R\$ 35 mil para pagar banheiros químicos que são colocados na cidade, pois o município não tem recursos.

Atualmente, essas reuniões vêm acontecendo e nós temos que buscar novamente parcerias para administrar aquele local de fronteira, porque nossa polícia não

consegue ficar do outro lado, os sistemas não se comunicam e nós somos obrigados a fazer esse trabalho de imigração dos dois lados do nosso município. Nós nos sentimos na obrigação de ter que dar segurança ao cidadão e ao mesmo tempo ficamos preocupados com essas coisas. Entendemos que isso é uma responsabilidade do governo federal. Por exemplo, lá em Foz do Iguaçu é mais organizado, e passa muita gente; se eu pego o meu carro aqui e vou até lá, em território argentino, por 600 km, e vou até a fronteira, vou saber exatamente qual cabine vai me receber e qual vai ser o processo. Em Uruguaiana não, todo ano é uma coisa diferente porque sempre estamos improvisando para poder receber o turista. Temos que profissionalizar esse processo.

Parece que Uruguaiana, ano passado, foi o lugar de maior entrada de estrangeiros no Brasil. Normalmente era por Guarulhos ou Brasília, e passou a ser Uruguaiana, e nós vamos chegar com dificuldade de novo porque nada mudou desse ano para cá. Vamos ter novamente que colocar recursos que não temos e nos preocupar com isso, porque não é uma responsabilidade direta nossa. Existem diversas dificuldades com segurança e mobilidade, nas pistas temos alguns problemas, como na BR-290, que não foi duplicada do lado argentino. A rodovia de Buenos Aires para cá está toda duplicada com recursos financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), e nós não duplicamos do nosso lado – então, onde nós queremos chegar?

Queria agradecer ao Ipea por ter trazido o evento para Uruguaiana, pois aqui é o olho do furacão, nós estamos recebendo tarefas de todos os lados e não conseguimos cumprir. É importante deixar registrado o agradecimento a Alexandre Cunha, por ter sugerido o evento para cá. E gostaria de agradecer a presença de todos vocês aqui.

Bolívar Pêgo (Ipea – moderador)

Obrigado, vereador, pela excelente exposição, indicando os principais problemas do município e reafirmando a importância de Uruguaiana nos cenários regional e local da fronteira do arco Sul, em geral, e na relação com a Argentina, em particular. Passo agora a palavra ao colega Alexandre Cunha, para que ele faça a sua apresentação.

